

BOAS PRÁTICAS



BRUNO HENRIQUE



ÁLVARO REZENDE



ÁLVARO REZENDE



ÁLVARO REZENDE

ACREDITAM E FAZEM. Jessé está à frente do Projeto Princesas; Ivo desenvolve ações em Química; Priscila dirige unidade escolar, que se destaca; e a pequena Vitória se orgulha de estudar em escola pública

Sim, educação de qualidade é possível!

Iniciativas mostram que perceber alunos como sujeitos e o engajamento de todos melhoram o ensino

Baixo desempenho escolar, in-disciplina, alto índice de evasão, falta de recursos, violência, gravidez na adolescência... Isso tudo é apenas parte de uma lista que, de tanto repetida, coloca em descrédito a educação – a impressão é de que tudo está

perdido. Algumas práticas, entretanto, esvaziavam essa “certeza”. Boas iniciativas – e não são poucas – terminam ofuscadas quando os holofotes se voltam apenas para os problemas.

Nesta reportagem, o Correio do Estado cita três casos que

mostram ser possível, sim, fazer educação de qualidade. Em uma escola estadual na periferia de Campo Grande, projeto com foco na questão de gênero contribui para que alunas se valorizem mais, melhorem as notas e o relacionamento fami-

liar. Entre os resultados, está a redução para zero do índice de gravidez entre as adolescentes. Outro projeto, desenvolvido na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), ajuda alunos dos ensinos Fundamen-

tal e Médio a avançar no de-

sempenho com aulas durante as férias. A rotina do ensino-aprendizagem de uma escola, considerada como a melhor entre as públicas municipais e estaduais de Mato Grosso do Sul, mostra que nem sempre é pre-

ciso projetos para se obter bons resultados. Na escola, que tem fila de espera, o “segredo” está no envolvimento de toda a comunidade e no apoio irrestrito às iniciativas que visam melhorar a educação.

Projeto promove valorização de meninas de escola da periferia

NATALIA YAHN

“Agora, eu tenho sonhos. Eu sei que posso fazer o que eu quiser, basta me esforçar. Por isso sonho em cursar Medicina”, afirma a jovem aluna do 2º ano do Ensino Médio Fernanda Simões, 15 anos. A frase comum para a maioria dos jovens que desejam cursar o Ensino Superior não fazia parte do vocabulário da estudante, que passou a ter “sonhos” somente quatro anos atrás. Em 2013, um projeto simples e inovador mudou a vida dela e de outras meninas da Escola Estadual Thereza Noronha de Carvalho, no Lageado, um dos bairros mais pobres de Campo Grande.

A rua de terra onde a escola se encontra – há mais de 30 anos e sem passar por nenhuma reforma desde então – não limita o desejo de mudança dela e das demais alunas do Projeto Princesas. A iniciativa é feita de atividades recreativas, rodas de conversa e palestras, com um grande baile no fim do ano, quando as meninas podem se vestir como princesas e dançar valsa.

“Elas são orientadas, alertadas e podem conversar livremente sobre os assuntos expostos. Como exigência para participar, além das notas, precisam ter bom relacionamento familiar”, explica Jessé Fragoso da Cruz, 29 anos. O es-

tilo descolado fica evidente no cabelo com tranças rastafári do professor de Educação Física e rapper. E seu 1,9 metro de altura não espanta a meninada, sempre ao lado dele e engaja-

da em fazer com que o projeto evolua.

Uma das primeiras alunas a “comprar a ideia” e vestir a camisa foi justamente Fernanda, que hoje, além de ser o braço



BRUNO HENRIQUE

VALORIZAÇÃO. Professor Jessé com as alunas do Projeto Princesas

direito do professor, também é vice-presidente do Grêmio Estudantil da escola.

Mãe de uma aluna “princesa”, Vanessa Ferreira, 35 anos, confirma que o comportamento da filha Maria Clara, 11 anos, mudou quando começou a participar do projeto há dois anos. “Ela era uma aluna nota sete, na média. Além disso, era respondona e até agressiva, principalmente em casa. Mas, depois que começou no

projeto, as notas são nove e dez, sempre. Nosso relacionamento melhorou imensamente”, contou Vanessa. Já Maria Clara, quando questionada sobre o que mais gosta no projeto, responde rápido: “De tudo”.

RESULTADO

“Desde 2013, não tivemos mais casos de gravidez das alunas adolescentes, nenhum. Elas priorizam o estudo, querem aprender”, diz o professor. “Mostramos para elas que precisam se valorizar e acabamos educando toda a escola. Além disso, elas se uniram demais, criaram um elo de amizade”, acrescenta.

“Elas têm, agora, autoconfiança. O resultado não está apenas nas notas, e sim no dia a dia. Espero que isso continue para o resto da vida delas”, finaliza o diretor da escola, Pedro Anísio Ferreira.

“

Mostramos para elas que precisam se valorizar e acabamos educando toda a escola”

Jessé Fragoso, professor de Educação Física e rapper

Aulas na UFMS para alunos do Fundamental e Médio

PAULO RIBAS



DURANTE AS FÉRIAS. Curso de verão na UFMS ajuda na aprendizagem

A busca de facilitar o aprendizado de disciplinas como Química, Física e Matemática, temíveis para os alunos do Ensino Fundamental e Médio, impulsionou Ivo Leite, doutor em Química e professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), a criar o projeto Escola de Verão. “São disciplinas que os alunos recebem, na maioria das vezes, apenas o conte-

údo, só a explicação e mais nada. Sem prática nenhuma nem atividade experimental. E são matérias interessantes, podem ser atrativas, e esta é a nossa intenção: fazer com que os alunos se interessem pelos temas”, explica o químico.

No projeto, as aulas são experimentais e práticas, com o objetivo de enriquecer o conhecimento dos estudantes dentro da área de ciência e

tecnologia. A ação levou, durante dez dias – entre 13 e 24 de fevereiro deste ano –, 200 alunos de escolas públicas de Campo Grande e do interior para dentro das salas da UFMS. A intenção é de que o projeto continue. “Não tem obrigação de nota, quem participa dessas ações é porque gosta de estudar mesmo, quer aprender. Nossa intenção é fazer a ponte, aproximar o conhecimento de quem o deseja”, afirma o professor.

Ivo coleciona prêmios nacionais e internacionais, e dois deles apresenta com orgulho. “O 1º Prêmio Professor Nota 10, da Fundação Victor Civita, como melhor trabalho em ciência, ganhei em 1998. Recebi das mãos de Chico Anysio [humorista que morreu em 2012]. O outro, Paiaguás, veio do Canadá e fui até lá receber.”

Para o doutor em Educação e também professor da UFMS Paulo Duarte Paes, ações desse tipo só contribuem para o aprendizado. “A escola tem grande poder. O aluno precisa ver a ciência e outras disciplinas com atenção, para ter sua necessidade de aprender suprida. Se não for em casa, tem de ser no ambiente escolar e nesse tipo de projeto”, comentou. **(NY)**

Fila de espera em unidade de destaque

Exemplo na Rede Municipal de Ensino (Reme), em Campo Grande, a Escola Municipal Geraldo Castelo é a melhor unidade entre as públicas municipais e estaduais de Mato Grosso do Sul. O colégio, com 554 alunos divididos em 12 salas de aula – do pré-1 ao 5º ano – que funcionam nos períodos matutino e vespertino, também é campeão em fila de espera. A direção não revela o tamanho da fila nem o tempo de espera, mas afirma que não há vagas disponíveis.

Além da limpeza visível e do cheiro da merenda, que nunca falta, a escola tem inúmeros atrativos e, por isso, recebe alunos de diferentes classes sociais. “Educação é direito

de todos. Também somos referência em atendimento a alunos deficientes e com necessidades especiais, temos 25 nestas condições”, afirma a diretora da unidade, Priscila Rodrigues de Souza.

Desde 2012, a escola está nas primeiras colocações no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) para o quinto ano. No Ideb 2015, divulgado em setembro do ano passado, a média foi de 6,9, enquanto a nacional foi de 5,5. Em 2012, a escola foi campeã e ficou em segundo lugar na avaliação divulgada em 2014.

“A nota é resultado de um esforço conjunto da escola, dos professores, pais e alunos.

Aqui não falta nada, qualquer atividade que o professor planejar nós vamos ter o material necessário para que seja desenvolvida”, afirma a diretora, que mostra com orgulho a pequena escola, adaptada em dois prédios na Rua Padre João Crippa, no Bairro Monte Líbano.

Victória Berbert, 9 anos, é uma das alunas orgulhosas da escola municipal. Ela estuda lá desde o pré-1 e termina em 2017 o 5º ano. “Vou ter que sair da escola, mas quero ir para o Colégio Militar. As irmãs das minhas amigas, que também estudaram aqui, conseguiram passar”, contou. **(NY)**

ÁLVARO REZENDE



QUERENDO APRENDER. Sala de aula da Escola Municipal Geraldo Castelo; alunos demonstram interesse